

## O MÉTODO DE ELIZABETH BISHOP NA TRADUÇÃO DE POEMAS BRASILEIROS

Eduardo Luis Araújo de Oliveira Batista  
Universidade Federal de Minas Gerais  
eduardolaob@yahoo.com.br

**Resumo:** Na tentativa de identificar o método utilizado por Elizabeth Bishop nas traduções que realizou de poemas brasileiros, parte-se de suas próprias idéias concernentes à criação poética reunidas as suas considerações sobre os trabalhos que realizou e sobre a tradução de um modo geral. Reconhecendo o método literal como proposta tradutória de Bishop, procura-se esclarecer como seu método articula-se com suas posições ideológicas e de que forma ambos refletem-se nos textos traduzidos.

**Palavras-chaves:** teoria da tradução, literatura brasileira, Elizabeth Bishop.

**Abstract:** This paper analyses Elizabeth Bishop's translations of Brazilian literature in order to identify her method of translation. It puts together Bishop's ideas concerning the labor of poetry writing and her opinions about the translations she made and about the process of translation in a general sense. Realizing the literal method as Bishop's implicit theory of translation, this paper intends to show how this translation method aligns with her ideological thinking and how each one is reflected in the translated texts.

**Keywords:** theory of translation, brazilian literature, Elizabeth Bishop.

Apesar de não se considerar uma tradutora profissional, a poeta norte-americana Elizabeth Bishop (1911-1979), durante o tempo em que viveu no Brasil, entre as décadas de 50 e 70, dedicou-se a realizar várias traduções de obras literárias brasileiras para a língua inglesa, publicando-as em seu país natal. Mesmo que em conjunto as traduções formem um corpus reduzido, junto à sua obra

concisa e ao restrito número de obras brasileiras traduzidas e publicadas no mercado literário americano à época, esse corpus adquire uma nova proporção justificando seu estudo.

Como poeta laureada e famosa, para Bishop a atividade da tradução não era uma prioridade. Na verdade chegava a declarar não gostar da tarefa de traduzir. Parecia-lhe um trabalho extremamente dificultoso e pouco atraente. Enquanto escritora profissional, que vivia de prêmios literários e bolsas, e da publicação de seus livros e artigos, a tradução era vista como mais uma forma de ganhar dinheiro, provavelmente não a mais ideal. Declara em correspondência de 1963:

Passsei a maior parte da semana traduzindo – como eu sempre digo, é a última vez que traduzo – (...) Sou contra, na verdade. (Bishop, 1995: 735); e em 1968: [Wallace] Stevens diz nas cartas dele (acabei de ler todas) que tradução é perda de tempo – mas não concordo com ele de todo. Sempre obriga a gente a consultar o dicionário, o que é uma atividade proveitosa. (Ibidem, p. 558) Em matéria de tradução geralmente acaba-se escolhendo o que se consegue fazer e não o que se gosta mais. Você tem razão quando diz que é o trabalho ideal para se ter em reserva – mas para mim é uma coisa que sempre me pareceu difícil demais, ou mesmo impossível – talvez por eu ser rigorosa demais (Ibidem, p. 709).

Seu rigor e escrúpulo, ao que parece, acabaram vencidos. Entre os textos que conseguiram vencer o escrúpulo tradutório de Bishop encontram-se poemas de Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, Vinícius de Moraes e Joaquim Cardozo.

Como tradutora não-profissional Bishop não oferece um método tradutório baseado em alguma teoria da tradução. Seu método tradutório parece originar-se de suas próprias convicções sobre a criação literária. Podemos depreendê-lo a partir de suas considerações sobre a tarefa. Na década de 60 manteve correspondência com Carlos Drummond de Andrade, com o intuito de trocar infor-

mações sobre as traduções que realizava de seus poemas. Nessas cartas comunicou-lhe seus progressos e dificuldades, e lhe pediu sugestões. Já a atitude de submeter o trabalho de tradução à apreciação do autor do texto revela sua preocupação em se manter fiel ao original e às *intenções* de seu autor. O mesmo processo fora usado na tradução do diário “Minha vida de menina”, de Helena Morley, nesse caso provavelmente mais devido às imposições da autora e de seu marido, que exigiram que a tradução passasse por seu crivo antes de ser publicada. Também nas traduções dos poemas de Octávio Paz manteve-se Bishop em contato com o autor<sup>1</sup>. Em carta de 1963, dirigida a Drummond, diz:

Comecei com este [‘Viagem na família’] porque a meu ver ele é relativamente fácil de traduzir para o inglês – espero que o senhor confie em mim quando lhe digo que em inglês o poema é muito comovente, tanto quanto em português. A tradução está bem literal – fora umas liberdades mínimas referentes à pontuação, etc, para conservar a métrica. (...) Tentei também trabalhar com alguns dos mais curtos, rimados – são quase impossíveis, é claro, por causa das rimas – (...) Vou redigir uma nota explicando as deficiências das traduções. Eu o escolhi [‘Viagem...’] justamente porque me deu a impressão de passar para o inglês espontaneamente, com muito poucas mudanças nos verbos. É claro que se perde uma infinidade de coisas em termos de musicalidade, conotações, etc – mas assim mesmo saiu um bom poema em inglês (Bishop, 1995: 733).

Podemos observar nas declarações acima algumas idéias que indicam a prática tradutória de Bishop. Em primeiro lugar ela diz ter escolhido o poema em questão por ser “fácil de traduzir”. Imaginamos o que se quer dizer com isso e encontramos a resposta logo: “a tradução está bem literal”. O poema foi escolhido por ser fácil de traduzir, e essa facilidade consiste na possibilidade de sua tradução literal, entendida como o ideal de uma boa tradução. Pressupõe-se ainda que sendo *literal* está-se mantendo o *sentido origi-*

*nal* do texto: “confie em mim quando lhe digo que em inglês o poema é muito comovente, tanto quanto em português”. Além de oferecer a possibilidade de uma tradução literal o texto, para ser traduzido, precisa se encaixar adequadamente nas formas poéticas vigentes na tradição literária inglesa: “mas mesmo assim saiu um bom poema em inglês”.

Das observações acima apresentadas podemos destacar dois pontos principais: – o conceito da tradução literal como o método ideal de tradução; – e a adequação do texto traduzido às formas literárias existentes na língua alvo como condição de traduzibilidade (e, portanto, de qualidade).

O conceito de tradução literal de Bishop parece advir da forma como traduzia suas imagens em poesia. Seu poder de observação e sua descrição precisa são qualidades exaustivamente reverenciadas em sua obra poética. A concepção de verossimilhança para Bishop é ser fiel aos fatos. É assim quando comenta, em carta a Robert Lowell de 1972, sobre o confessionalismo na poesia: “Tudo isso pode ser feito – mas ao mesmo tempo o leitor tem que ter a sensação de que pode confiar no escritor – de que ele não está distorcendo, mentindo, etc” (Bishop, 1995: 629). Em entrevista a David W. McCullough (realizada em 1977), Bishop diz que a maior herança que teve de Marianne Moore foi a precisão (“accuracy”) (Bishop, 1996: 73). Seu sentido de precisão levava-a a extensas pesquisas sobre os temas de seus poemas, assim como a se assegurar de sua correção *histórica*: gostava de relatar nos poemas os fatos como realmente lhe aconteceram em todos os detalhes. Seus poemas descrevem situações reais, como as casas que perdeu, descritas em “One art”, o encontro com o alce, em “The moose”, e a revista “National Geographic” que leu numa sala de dentista em 1918, descrita em “In the waiting room”. Já após a publicação desse poema Bishop veio a se desculpar por ter se enganado quanto à edição da revista: havia confundido as edições de março e abril (Bishop, 1996: 73). Algo parecido havia acontecido com o poema “The fish”, como revela:

Eu sempre digo a verdade em meus poemas. Em “The fish”, está exatamente como aconteceu (...) Ah, mas eu mudei uma coisa: o poema diz que ele tinha cinco anzóis pendendo de sua boca, mas na verdade havia apenas três (...) Mas eu sempre tento manter-me tão próxima quanto possível ao que realmente aconteceu quando descrevo algo em um poema<sup>2</sup> (Bishop, 1996: 42).

Seu sentido de precisão, herdado de Moore, metamorfoseia-se em seu trabalho tradutório na concepção de uma tradução literal. Seu sentido de precisão explica também as notas de rodapé presentes em algumas de suas traduções, onde de forma detalhada procura justificar suas escolhas, ou sua impossibilidade (no caso de termos intraduzíveis).

A oposição entre tradução literal e tradução livre tem gerado um longo debate entre teóricos e tradutores. A tradução literal tem sido tradicionalmente defendida como o meio mais objetivo do tradutor manter-se fiel às idéias do autor do texto a ser traduzido. Na tradução literal procura-se manter, dentro do possível, a estrutura sintática da língua de origem, através da tradução palavra-por-palavra. Já a tradução livre não trabalha com a palavra como unidade, mas o texto, ou mesmo a cultura em que ele se insere, não apresentando correspondência direta no nível sintático ou lexical. A tradução literal é indicada para a tradução de textos técnicos e científicos, mas é considerada inadequada para textos literários, especialmente a poesia. Ela prescreve uma equivalência formal entre os textos que não se realiza no nível semântico. Duas prerrogativas estão por trás da defesa da tradução literal: a primeira, a da possibilidade de uma representação mimética da realidade; a segunda, a da possibilidade dessa representação ser naturalmente compartilhada entre as diversas línguas.

A tradução literal baseia-se na teoria representacional da linguagem, que Derrida (Niranjana, 1992) chama de metafísica da presença. A metafísica da presença pressupõe, à linguagem, a

capacidade de representação transparente de uma realidade que lhe é exterior. Essa visão encobre o que as modernas teorias lingüísticas, como o desconstrucionismo, defendem: que a linguagem não é um meio transparente de representação da realidade, mas sim um meio de construção da realidade. A metafísica da presença, na qual se abriga a idéia da tradução literal, pressupõe a existência de uma essência original, de um sentido unívoco, aos quais o tradutor deve se manter fiel, literal. Segundo Niranjana: “a mais importante compreensão que a obra de Derrida propiciou aos estudos pós-colonialistas é a noção de que a origem é sempre heterogênea, que ela não é alguma fonte pura e unificada de sentido e da história”<sup>3</sup> (op.cit. p. 39). Não há, portanto, uma presença original que possa ser resgatada, uma vez que o signo original é a escrita de uma escrita. A origem é por natureza uma tradução. “A metafísica tenta reapropriar a presença através de noções de adequação de representação, de totalização, de história”<sup>4</sup> (Ibidem, p. 40). Ao determinar a existência de uma presença original que é resgatada/representada de forma inequívoca, bastando para isso ser *literal* ou *fiel*, encobre-se o caráter ideológico (não no sentido de um poder manipulador, mas de uma visão de mundo na qual se reveste a leitura) existente na construção desse sentido. Se assim fosse todas as traduções literais seriam iguais. Nenhum ato de representação é isento de forças ideológicas. A idéia da tradução literal mascara o ato do tradutor, que é considerado como um mero catalisador entre o texto original e sua versão na língua alvo (como parece pensar Bishop quando diz: “me deu a idéia de passar para o inglês espontaneamente”). A idéia da tradução literal, como entendida, “dehistoricize” a atividade do tradutor, desvinculando-a de suas práticas ideológicas, de seu momento histórico. Além de mascarar a presença do tradutor, a tradução literal pressupõe uma similaridade entre as línguas que não existe. Toda língua é única e irredutível, uma vez que se forma a partir da realidade única que a cerca. Devido a essa irredutibilidade não é possível que um texto encontre sua

correspondência *literal* quando reescrito em outra língua, o que as abordagens lingüísticas da tradução já demonstraram.

A segunda questão apontada nas opiniões de Bishop sobre tradução é “a adequação do texto traduzido às formas literárias existentes na língua alvo como condição de traduzibilidade (e, portanto, de qualidade)”. Esse tipo de procedimento na tradução é chamado de domesticação do texto estrangeiro, e está diretamente vinculado ao modelo da tradução literal. Uma vez que a tradução literal tem como prerrogativa manter uma equivalência sintática e lexical entre os textos, o que se pode considerar uma tarefa impossível, e quando possível, muitas vezes insatisfatória, os textos que não apresentam a possibilidade dessa suposta equivalência formal são considerados intraduzíveis. O termo domesticação foi cunhado pelo teórico da tradução Lawrence Venuti, em “The translator’s invisibility” (1995) que o define como “uma seleção de textos receptíveis à tradução fluente”<sup>5</sup>. Com esse procedimento, procura-se *domesticar* o texto às formas e normas da literatura receptora, fazendo com que seja lido como se tivesse sido escrito na língua de chegada, como se fizesse parte da tradição literária local. A prática da domesticação funciona como um filtro através do qual somente textos que apresentem compatibilidade de forma e sentido com as normas do sistema literário receptor sejam traduzidos. Nessa situação dificilmente um texto que apresentar um aspecto renovador ou desafiador às concepções que regem o sistema literário receptor poderá ser traduzido. A idéia de uma tradução literal encobre o procedimento da domesticação, tornando implícita a idéia de que os textos traduzidos de forma *literal* apresentam *naturalmente* a aparência dos textos existentes na tradição da língua receptora, encobrindo o fato de que tenham sido escolhidos exatamente por essa possibilidade. A domesticação, através da tradução fluente, apóia-se na idéia da invisibilidade do tradutor. Uma vez que a tradução é apresentada como literal, uma mera transposição (“espontânea”) de sentidos e formas pelo tradutor, a ação transformadora que ele exerce sobre o texto (a começar por sua própria seleção

dos textos) não pode ser considerada, tornando-se, portanto, invisível. Segundo Venuti:

Por trás da invisibilidade do tradutor está uma balança desfavorável que confirma a dominação global da cultura anglo-americana, mas também reduz o capital cultural dos valores estrangeiros em inglês limitando o número de textos estrangeiros traduzidos e submetendo-os à revisão domesticadora<sup>6</sup> (op. cit. p. 17).

Para Venuti a domesticação encobre um ato de violência etnocêntrica, que ele identifica como uma postura dominante na história da tradução anglo-americana. Bishop poderia ser vista como representante dessa tradição anglo-americana de uma tradução domesticadora, como ela própria declara: “quanto a mim, eu traduzo um poema apenas quando sinto que ele pode funcionar em inglês, quando posso preservar seu metro e ritmo”<sup>7</sup>. (Bishop, 1996: 77) Uma exceção nessa tradição, segundo Venuti, poderia ser apontada em Ezra Pound, cujas traduções, pelo simples aspecto de desviarem-se dos cânones literários domésticos em língua inglesa (como as traduções de obras chinesas), situam-no no plano oposto ao da domesticação. Essa “foreignizing translation” (o que poderia ser traduzido como *tradução estrangeirizante*), segundo Venuti, mantém uma opacidade no texto traduzido que o distingue tanto dos textos pré-existentes na tradição literária do sistema que o recebe, como também do texto estrangeiro de que se origina.

Em oposição a esse tipo de tradução, a tradução domesticadora de Bishop pode ser confirmada pelo seu desgosto com relação aos experimentalismos formais e à importação de formas estrangeiras, como demonstram seus comentários contra o uso da forma *hai-kai* por seus alunos de redação e contra a proposta da nacionalização da linguagem literária de Williams Carlos Williams:

Nós temos uma riqueza de formas [poéticas] próprias que são adequadas à nossa língua. Eu digo formas inglesas, não americanas. Nós ainda somos mais ingleses do que qualquer outra coisa, e essa ‘língua americana’ da qual William Carlos Williams estava sempre falando é um disparate. Nós estamos escrevendo melhor poesia inglesa do que os ingleses estão escrevendo no presente (...)<sup>8</sup> (Bishop, 1996: 34).

Bishop recusou-se a traduzir muitos poemas de João Cabral por não passarem em seu critério de domesticação, como demonstra no seguinte comentário, em carta de 1961: “(...), os [poemas] dele [João Cabral] não ficam muito bons em inglês - muito compridos” (Bishop, 1995: 710). No entanto, foi um dos poemas de Cabral que mais se revelou apto ao tipo de tradução praticada por Bishop, “Morte e vida Severina”. A tradução desse poema foi muito elogiada exatamente pela correspondência encontrada por Bishop entre sua estrutura formal, que remete à literatura popular de cordel, e a balada, forma poética considerada de tradição inglesa (que originalmente, como se sabe, não é inglesa, e foi importada pelo escritor-tradutor Chaucer no séc XIV (Delisle, Woodsworth, 1998: 41)). Em uma entrevista, Bishop descreve sua tradução:

Entrevistador: Há um poema no qual você parece ter descoberto algo brasileiro que foi vertido perfeitamente no antigo estilo da balada inglesa. O poema ‘Irmãos das almas! Irmãos das almas!’ EB: Foi um achado. Eu nunca fiz muitas traduções, e quase nunca fiz por encomenda, mas de vez em quando algo parece funcionar em inglês. Há um poema nesse livro, ‘Viajando na família’, que saiu muito bom, eu acho. O metro é quase exatamente o mesmo. Nada teve de ser mudado. Mesmo a ordem das palavras. Claro que a ordem das palavras naturalmente tem que sair diferente, mas este aconteceu de sair muito bom!<sup>9</sup> (Bishop, 1996: 85).

Para Venuti, “a invisibilidade do tradutor é sintomático da complacência nas relações anglo-americanas com os outros culturais, uma complacência que pode ser descrita – sem muito exagero – como imperialista no estrangeiro e xenofóbica em casa”<sup>10</sup> (Venuti, 1995:17). Através da tradução domesticadora o texto estrangeiro é assimilado à tradição literária do sistema receptor. Essa assimilação, porém, não diz respeito à sua aceitação, inserção e conseqüente influência sobre o sistema literário receptor, mas assimilação no sentido de aparar as arestas e torná-lo palatável, diluído dentro da tradição receptora. A identidade cultural do texto traduzido é dissolvida, e este é tomado como um elemento hierarquicamente submetido à tradição receptora. Como afirma Venuti, a violência presente nesse ato de tradução deve-se à “reconstituição do texto estrangeiro de acordo com valores, crenças e representações que pré-existem na língua alvo, sempre configurada em hierarquias de dominação e marginalidade, sempre determinando a produção, circulação e recepção de textos”<sup>11</sup> (op.cit. p.18).

A tradução literal, que aparentemente propõe manter máxima fidelidade ao texto original, pode acabar tornando-se uma faca de dois gumes. Além das implicações ideológicas que podem advir desse tipo de tradução, especialmente quando aliado à estratégia da domesticação, como acima demonstrado, a tradução literal termina por trair o texto poético, ao despi-lo das características que o definem como tal. Mantendo-se preso à estrutura sintática e à equivalência lexical o tradutor abandona a tentativa de uma equivalência no nível semântico, assim como nas relações de sentido possíveis entre os diversos versos que compõem o ‘todo’ do poema. A tradução literal também coloca em segunda instância preocupações quanto ao ritmo e à “musicalidade” do poema. A repercussão dessa estratégia nas traduções das obras brasileiras realizadas por Bishop pode ser entrevista na análise que o Prof. Thomas Burns<sup>12</sup> fez das traduções dos poemas de Drummond. Parece ser um consenso a opinião de que as traduções de Bishop não oferecem a qualidade esperada de uma grande poeta, assim

como do pressuposto conhecimento de nossa cultura que a sua longa vivência aqui poderia ter-lhe proporcionado. Segundo Burns, os principais problemas encontrados nas traduções de Bishop devem-se ao seu precário conhecimento da língua portuguesa e ao emprego inadvertido do método literal para a tradução poética. Em seu trabalho, Burns conclui:

Resumindo, as traduções de Drummond feitas por Bishop não dão ao leitor a impressão de que ela estava em sua melhor forma: faltam-lhes o cuidado com a língua e a precisão no expressar que se aprendeu a esperar da poeta. Não sei se ela possuía ou não uma teoria de tradução, mas julgando a partir desses esforços parece haver uma preferência pela tradução mais cuidadosa do sentido, sem dar muita atenção tanto às nuances quanto aos efeitos rítmicos, mas com muita frequência, como tentei mostrar, mesmo o sentido foi deturpado. Pode-se suspeitar, julgando a partir de alguns de seus erros, que ela não havia dominado a língua bem o bastante para fazer um trabalho adequado<sup>13</sup>. (p. 11)

Apesar de questionáveis quanto à qualidade, as traduções de Bishop são importantes por terem introduzido a moderna literatura brasileira nos EUA, até então praticamente desconhecida, assim como pela influência que esses textos vieram a ter em sua própria poesia. É reconhecida a influência na obra de Bishop dos poetas brasileiros traduzidos por ela, especialmente Drummond e João Cabral. Dessa forma somos levados a reconhecer que suas traduções, apesar das limitações do método empregado, provocaram influências no sistema receptor, uma vez que sua obra poética ocupa um lugar de destaque nesse sistema literário.

## Notas

1. Em *The Complete Poems* (1927-1979), as traduções dos poemas de Octávio Paz são apresentadas em co-autoria: “[Translations by Elizabeth Bishop with the author]” (Bishop, 1989: 269).

2. I always tell the truth in my poems. With ‘The Fish’, that’s exactly how it happened. (...) Oh, but I did change one thing: the poem says he had five hooks hanging from his mouth, but actually only had three. (...) But I always try to stick as much as possible to what really happened when I describe something in a poem. As citações originalmente em língua inglesa apresentam-se traduzidas pelo autor deste artigo.

3. The most profound insight Derrida’s work has afforded to post-colonialism is the notion that origin is always already heterogeneous, that it is not some pure, unified source of meaning or history.

4. Metaphysics tries to reappropriate presence through notions of adequacy of representation, of totalization, of history.

5. A selection of texts amenable to fluent translation.

6. Behind the translator’s invisibility is a trade imbalance that underwrites this [global] domination [of Anglo-American culture], but also decreases the cultural capital of foreign values in English by limiting the number of foreign texts translated and submitting them to domesticating revision.

7. As for myself, I translate a poem only when I feel that it can work in English, when we can preserve its meter and rhythm.

8. We have a wealth of forms of our own that are suitable to our language. I mean English forms, not American. We’re still more English than anything else, and this ‘American language’ which Williams Carlos Williams was always talking about is nonsense. We’re writing better English poetry than the English are writing at present (...).

9. Interviewer: “There is one [poem] in which you seem to have discovered something Brazilian that comes out perfectly in early English ballad style. The ‘Brother of souls! Brother of souls!’ poem.” E.B.: “I saw it given. I’ve never done much translation, and I’ve almost never done any to order, but every once in a while something seems to go into English. There’s one poem in that book, ‘Traveling in the family’ that came out very well, I think. The meter is almost exactly the same. Nothing had to be changed. Even the word order. Of course word order will naturally have to come out differently, but this one happened to come out well”.

10. The translator’s invisibility is symptomatic of a complacency in Anglo-American relations with cultural others, a complacency that can be described – without too much exaggeration – as imperialistic abroad and xenophobic at home.

11. Reconstitution of the foreign text in accordance with values, beliefs and representations that preexist in the target language, always configured in hierarchies of dominance and marginality, always determining the production, circulation, and reception of texts.

12. “Bishop, translator of Drummond”, trabalho não publicado apresentado em *The art of Elizabeth Bishop*, an international conference and celebração in Brazil, realizado em Ouro Preto, maio de 1999. O texto foi fornecido pelo professor.

13. In short, Bishop’s translations of Drummond do not give the reader the impression that she was in top form: they lack the care with language and precision of phrasing one learned to expect from the poet. I do not know whether or not she had a theory of translation, but judging from these efforts it would seem to be a preference for translating meaning rather laboriously without paying too much attention to either nuances or rhythmic effect, but too often, as I have tried to show, even meaning was misrepresented. One has the suspicion, judging from some of her errors, that she had not mastered the language well enough to do a proper job.

## Bibliografia

BISHOP, Elizabeth. *The complete poems*. 1927-1979. New York: Farrar, Straus, and Giroux, 1989.

\_\_\_\_\_. *Uma arte*. As cartas de Elizabeth Bishop. Org. Roberto Giroux. Trad. Paulo Henriques Brito. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *Conversations with Elizabeth Bishop*. Ed. George Monteiro. Jackson: University Press of Mississippi, 1996.

BURNS, Thomas La Borne. Bishop, translator of Drummond. Trabalho apresentado em *The art of Elizabeth Bishop. An international conference and celebração in Brazil*. Ouro Preto. 19-21 Maio, 1999. (não publicado)

DELISLE, Jean, WOODSWORTH, Judith. *Os tradutores na história*. Trad. Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1998.

NIRANJANA, Tejaswini. *Siting translation*. History, post-structuralism and the colonial context. Los Angeles: University of California, 1992.

VENUTI, Lawrence. *The translator's invisibility*. A history of translation. London: Routledge, 1995.